

Problema na alfabetização

MANOELITA BUENO

Ao retornar de uma greve prolongada, aqueles que militam na área de educação vêem-se num grande impasse: como recuperar o tempo perdido?

As opções surgem:

- Prolongar o ano letivo.
- Aumentar o número de aulas por semana, trabalhando aos sábados.
- Acrescentar 30 minutos ao horário normal de atividades.
- Propor tarefas para serem feitas pelo aluno, em casa.

Poderíamos, portanto, listar inúmeras questões administrativas e didáticas elaboradas por educadores, pais e administradores.

Mas, com isso, o mais importante pode estar sendo esquecido — o aluno. Ele não é "cabide de deveres" e nem pode cumprir um horário que o leve ao cansaço e, consequentemente, a um mau aproveitamento escolar.

Com os alunos do segundo segmento do Primeiro Grau, a recuperação do tempo perdido se torna menos difícil. Eles já atingiram uma

autonomia de aprendizagem que possibilita ao professor usar estratégias que fazem com que o aluno busque informações fora do horário de aula, o que permitirá um aprendizado mais rápido e, certamente, também mais efetivo.

Para os alunos do primeiro segmento do Primeiro Grau, esta recuperação é mais complexa. Eles ainda são bem dependentes da orientação e do afeto da "tia" e não têm formados certos hábitos de estudo, ficando o professor com os recursos didáticos mais limitados.

O problema maior está na alfabetização. Um aluno de 6 anos tem ainda um período de concentração muito pequeno e as dificuldades não podem ser acumuladas. Uma boa alfabetização requer tempo para serem apresentados os fonemas ou as palavras-chave ou, ainda, serem criadas situações que façam com que a criança deseje escrever determinadas palavras que servirão de base para o trabalho da alfabetizadora. Qualquer que seja a metodologia a ser seguida pela professora o fator tempo é fundamental. A criança precisa adquirir o mecanismo da leitura, e mais, precisa ler e compreender. Quanto à escrita, muitas atividades que envolvem

vam o treino do movimento correto das letras e da ortografia precisam ser dadas.

Chegamos, então, à conclusão de que o tempo de aula perdido não se resolve facilmente. É preciso que os educadores se debrucem em vias de soluções que visem sempre ao educando. Os dias devem ser compensados dentro do possível, sem sobre-carregar o aluno. Ao professor cabe se conscientizar de que, como técnico e profissional eficiente, deverá minimizar o problema selecionando o mais importante, fazendo resumos, planos de estudo, elaborando trabalhos objetivos, usando recursos audiovisuais. Somente um bom professor poderá fazer com que o aluno absorva, de modo razoável, uma quantidade maior de informações num tempo menor.

Por tudo isso, acreditamos que alunos, professores, pais e administradores devem estar engajados na busca da recuperação do tempo perdido dentro de um período letivo, para que o aprendizado do aluno, objetivo do qual não podemos nos desviar sob qualquer pretexto, não sofra tão grande prejuízo.

Manoelita Marcelo Pimenta Bueno é professora e autora da cartilha "O sonho de Taitá".